

197

**GUILHERMINO CÉSAR** — Nasceu Guilhermino César da Silva em São Mancel do Mutum, hoje Engenópolis, em 15 de maio de 1908. Foi com seus pais para Tebas (Leopoldina), aí estudando as primeiras letras. Fez o curso secundário no Ginásio de Cataguazes, vindo, ainda muito jovem, para Belo Horizonte.

Obteve o diploma de bacharel em direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, tendo sido orador da turma. Foi oficial de gabinete e secretário do então major Ernesto Dorneles, chefe de Polícia do Estado de Minas Gerais, no governo Benedito Valadares. Fundada a Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, ocupou uma cátedra, tendo sido, depois, nomeado diretor da referida Faculdade. Amigo pessoal do general Ernesto Dorneles, com ele seguiu para o Rio Grande do Sul, quando o ilustre militar foi eleito governador do Estado sulino. Exerceu algum tempo as funções de secretário particular do governador, tendo sido nomeado ministro do Tribunal de Contas do aludido Estado. Foi eleito em 1941 membro da Academia Mineira de Letras. In-



ciou a sua carreira literária na juventude, participando do grupo que fundou a revista "Verde", de Cataguazes e publicando o seu primeiro livro de versos modernistas — *Meia Pataca*. Vindo para Belo Horizonte, formou com João Dornas Filho, Atilio Vivaqua e outros o grupo, que se responsabilizou pelo lançamento da revista *Leite Criolo* espécie de sucursal da escola antropofágica de Osvaldo de Andrade. Dirigindo revistas, colaborando em jornais da Capital e do Rio, firmou sua posição literária na linha de vanguarda com o romance *Sul*. Tem inéditos *Canção do morto*, *Chama do abismo* e a novela *O Herói Dirigido*. Dedicando-se a investigações históricas, acumulou vasto material para a biografia do padre Mancel de Jesús Maria fundador da cidade do Pombo e pioneiro da civilização da Mata Mineira. Publicou recentemente *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Recebido com entusiasmo pela crítica literária no setor modernista, mereceu atenções especiais do Tristão de Athayde, que lhe louvou o livro de estreia e teceu comentários elogiosos ao romance *Sul*. Manteve correspondência com os principais chefes do movimento de vanguarda do País. Embora se encontre no Rio Grande do Sul, não se esquece do Estado natal, que assim está sempre presente em sua memória.

(Coleção organizada por MARTINS DE OLIVEIRA)

# ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

C A D E I R A N.º 27

PATRONO: CORREIA DE AZEVEDO

*Diário de Minas, 19-5-1957*

**CORREIA DE AZEVEDO** — Eduardo Corrêa de Azevedo nasceu em Cantagalo, Estado do Rio, em 26 de setembro de 1856. Faleceu na Capital Federal em 4 de junho de 1909. Fez os estudos primários na terra natal, seguindo para o Rio, onde cursou o Colégio Pedro II, doutorando-se em medicina pela Faculdade de Medicina, em 1880, após brilhante defesa de tese. Veio



Corrêa de Azevedo

imediatamente para Juiz de Fora, onde abriu consultório, muitíssimo frequentando. Ligando-se em fraterna amizade a Oscar da Gama e Luís de Oliveira, fundou, com o primeiro, pequenos jornais, que tiveram vida efêmera. Um deles, "O Cigano", ficou no primeiro número. Pouco tempo depois, redigiu "Novidades", que durou vinte meses. Tentou a revista, lançando "Cigarra" que, cronologicamente, no gênero, foi a segunda que circulou em Juiz de Fora. Poeta imaginoso, valeu-se do gênero alegórico, escrevendo diversas poesias que enfeixou mais tarde em dois volumes — "Rimas sem arte" e "Catecismo". Explorou o gênero teatral, compondo interessantes monólogos na maioria destinados à vida escolar. Muitos de seus trabalhos em prosa foram publicados no extinto "Correio de Minas",

jornal que lograra grande popularidade na Manchester Mineira. Após vinte anos de atividade na grande cidade, retirou-se para a Capital Federal, indo residir em Vila Isabel, ali instalando consultório médico, frequentadíssimo, na maioria dos casos por gente humilde, a que devotava extremado carinho. Não se esqueceu, porém, de Juiz de Fora, que visitava sempre nos lares de sua atividade profissional. Vítima de insidiosa moléstia, veio a falecer aos cinquenta e três anos de idade, sob a imensa consternação do bairro, que prestou significativas homenagens à sua memória. Registre-se que, além da amizade de Oscar da Gama e Luís de Oliveira, desfrutara do apreço de José Paixão, seu coestadano, fundador da cadeira n. 27, e que lhe eternizou o nome, não apenas em homenagem ao intelectual brilhante que realmente foi, mas ao mineiro adotivo, estimadíssimo em Juiz de Fora. Por outro lado, a recordação de quem se tornara pai da pobreza, na condição de benfeitor da humanidade, encontraria, como encontrou, profunda ressonância no seio da nascente Academia.